



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**370 anos da Segunda Batalha dos Guararapes - 230 anos da Inconfidência Mineira
130 anos da Proclamação da República - 120 anos da Revolução Acreana**

ANO 2019

Julho

Nº 322

A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA NA CAMPANHA DE GALÍPOLI

Ricardo Caetano de Moraes (Unisul/SC)

No princípio de 1915, a Primeira Guerra Mundial não ia bem para os Aliados. Após vários meses de batalhas violentas, a Frente Ocidental havia se estabilizado em uma imensa linha de trincheiras cortando o território francês e belga da fronteira suíça até o Mar do Norte.

Na Frente Oriental, a Rússia havia conseguido alguns sucessos localizados contra os austríacos, mas havia sido severamente derrotada pelos alemães em Tannenberg¹ e nos Lagos Masurianos², enquanto continha os turcos otomanos com bastante dificuldade numa frente de batalha nas montanhas do Cáucaso, um terreno extremamente acidentado e com um inverno muito rigoroso.

Sofrendo com problemas logísticos e a crescente insatisfação interna sobre a condução da guerra (muitos acreditavam que o místico Rasputin, que gozava de grande influência junto à família do Czar, fosse um agente alemão³), o governo russo fez um apelo aos Aliados em janeiro de 1915, pedindo a realização de uma ofensiva contra os turcos.

Incentivados pelo entusiasmado Primeiro Lorde do Almirantado britânico, Winston Churchill, os Aliados decidiram realizar um ataque que ameaçasse diretamente Constantinopla (Istambul), acreditando que isso obrigaria os turcos a retirarem tropas para proteger sua capital. Caso a ofensiva fosse bem-sucedida, poderia ser aberta uma rota para

1 TUCHMAN, Barbara W, **Canhões de agosto**, Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, p. 336–358.

2 STEVENSON, David, A deflagração, in: **1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial**, Barueri: Novo Século, 2016, v. 1, p. 113–114.

3 SMITH, Douglas, **Rasputin**, London: PAN MacMillan, 2017.

abastecimento dos russos através do Mar Negro, além de incentivar outros países da região (Itália, Bulgária, Romênia e Grécia) a abandonar sua neutralidade e, até mesmo, forçar a saída da Turquia da guerra⁴. Restava decidir o local de onde seria lançada a ofensiva. Sua definição levou em consideração fatores militares e, principalmente, geográficos.

As terras da Europa e da Ásia estão separadas pelo Mar de Mármara, que se liga ao mar Egeu através do estreito de Dardanelos, a sudoeste, e ao Mar Negro através do estreito do Bósforo, ao norte. Constantinopla se localiza na extremidade sul do Bósforo, portanto controlando a ligação entre Ásia e Europa. A oeste da cidade se estende uma região moderadamente acidentada, delimitada pelo rio Maritsa a leste e a Cordilheira dos Balcãs ao norte, formando a região da Trácia Oriental. No extremo noroeste dessa região, localiza-se a antiga capital otomana de Adrianopla (atual Edirne). Situada na confluência de três rios e dominando o acesso por terra para Constantinopla, a mais rica cidade europeia por séculos, Adrianopla tornou-se o ponto mais disputado do mundo, tendo treze batalhas registradas entre 323 e 1913⁵.

Os Aliados rejeitaram a ideia de um desembarque ao sul de Adrianopla por recearem ficar demasiadamente expostos a um contra-ataque das tropas turcas estacionadas nas proximidades, o que impediria um resultado decisivo. Ao invés disso, o plano final foi bombardear as fortificações do Dardanelos e desembarcar tropas na península de Galípoli, do lado europeu do estreito.

Uma vez que a península estivesse controlada, as tropas poderiam marchar para norte rumo à Constantinopla, enquanto unidades navais Aliadas ameaçariam bombardear a cidade.

Uma vez que não se pretendia desviar recursos da Frente Ocidental, considerada a mais importante da guerra, ficou resolvido usar na ofensiva um grupo heterogêneo de tropas francesas, indianas, egípcias, australianas e neozelandesas, na sua maioria sem experiência de combate.

Contudo, os Aliados não providenciaram inteligência adequada para a ofensiva. Além de estimarem incorretamente o poder das baterias turcas e a quantidade de soldados na região, não foram levados em consideração nem o clima nem a topografia local. O litoral da península de Galípoli é rochoso e possui poucas praias, todas relativamente estreitas. A parte central da península é dominada por um maciço rochoso formado por várias elevações, com terreno coberto de vegetação espinhosa e praticamente sem água. O acesso das praias para o interior era feito escalando-se barrancos que se entrelaçavam com outras ravinas e fendas, muitas das quais não tinham saída. O terreno era considerado tão hostil pelos turcos que muitos trechos eram totalmente desguarnecidos. Para piorar ainda mais a situação, os Aliados não dispunham de mapas e acreditavam que a passagem das praias para o centro da península se dava por meio de declives suaves⁶. Além disso, o clima no estreito era inclemente, variando de um intenso calor nos meses de verão até fortes tempestades e nevascas, à medida que o inverno avançava⁷.

Em fevereiro de 1915, começaram os bombardeios navais, que tiveram pequeno efeito prático - as fortificações turcas pouco sofreram, e as baterias móveis mal foram atingidas

4 KENNEDY, Paul, **Engenheiros da vitória**, São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 265–267.

5 KEEGAN, **A history of warfare**, p. 70–71.

6 KEEGAN, John, **The First World War**, New York: Vintage, 1998, p. 243–244.

7 KENNEDY, **Engenheiros da vitória**, p. 267.

- mas causaram efeitos políticos positivos nos países neutros, que se inclinaram para os Aliados. Alarmados, os turcos trouxeram reforços e reorganizaram o comando em Galípoli.

Em março, ocorreram os desembarques principais em cinco praias, quatro no Cabo Helles e um mais ao norte, na praia conhecida posteriormente como "Cova ANZAC"⁸, por ter sido ocupada por australianos e neozelandeses. Os ataques Aliados foram contidos pelo terreno inóspito e pelos contra-ataques turcos, comandados pelo tenente-coronel Mustafá Kemal, futuro líder da República Turca⁹. As perdas dos dois lados foram muito altas.

Em maio, os turcos começaram a cavar trincheiras no terreno elevado e junto aos barrancos, tornando a subida ainda mais difícil. Os bombardeios navais dos Aliados prosseguiram, mas eram ineficazes, em parte por terem que ser feitos longe do litoral; as águas do estreito estavam minadas e submarinos alemães operavam na região, afundando diversas embarcações.

O impasse prosseguiu e ficou cada vez mais sangrento. Em agosto, os Aliados fizeram novo desembarque na baía de Suvla, com o mesmo resultado. Os dois lados aumentaram seus efetivos para catorze divisões cada um, mas não houve progresso. Entre dezembro de 1915 e janeiro de 1916, os Aliados retiraram suas tropas das praias sem oposição dos turcos, admitindo a derrota.

Galípoli custou 250 mil homens aos Aliados e, no mínimo, o mesmo número de baixas aos turcos. Nenhum dos objetivos da operação foi alcançado. A Rússia permaneceu bloqueada no Mar Negro e pressionada em mais de uma frente; no ano seguinte, começou o processo que culminaria no seu colapso e posterior saída da Primeira Guerra Mundial¹⁰.

Galípoli é um excelente exemplo de como falhas táticas podem comprometer campanhas e até mesmo guerras inteiras. Entre os inúmeros problemas que ocorreram - inexperiência das tropas, falta de inteligência adequada, cadeia de comando burocrática, entre outros - as características geográficas da península talvez tenham sido os fatores decisivos, condenando a operação ao fracasso desde o início. A topografia da península dificultava muito o desembarque e tornava o movimento de tropas praticamente impossível além das poucas praias; seu clima rigoroso e a falta de água impediam a permanência dos invasores.

A campanha de Galípoli demonstrou que subestimar a geografia numa guerra pode custar caro demais.

REFERÊNCIAS

KEEGAN, John. **A history of warfare**. New York: Vintage, 1994.

_____. **The First World War**. New York: Vintage, 1998.

KENNEDY, Paul. **Engenheiros da vitória**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MANGO, Andrew. **Atatürk**. London: John Murray, 2004.

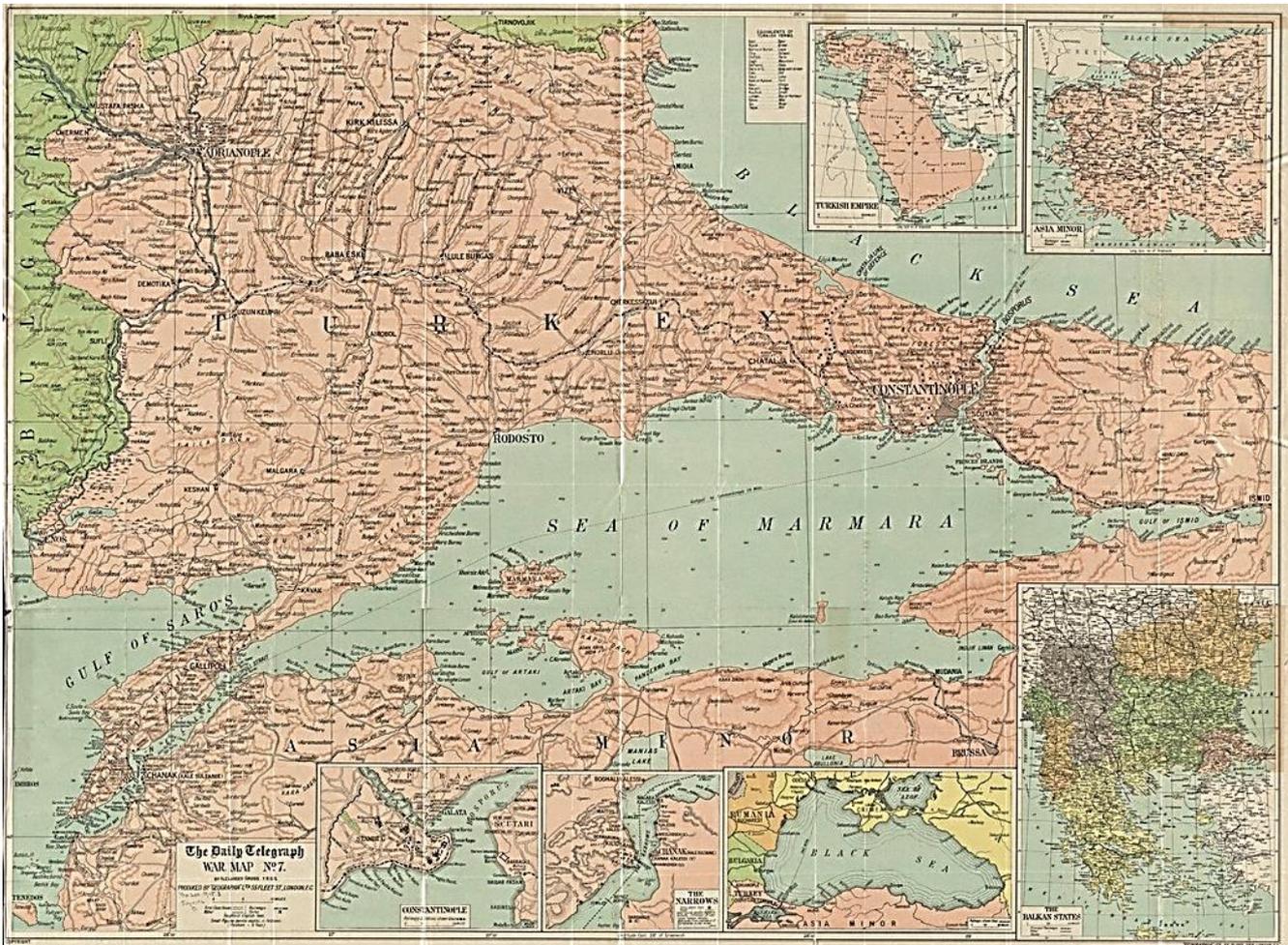
SMITH, Douglas. **Rasputin**. London: PAN MacMillan, 2017.

STEVENSON, David. A deflagração. In: **1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial**. Barueri: Novo Século, 2016, v. 1.

8 Australia and New Zealand Army Corps (ANZAC).

9 MANGO, Andrew, **Atatürk**, London: John Murray, 2004, p. 143-160.

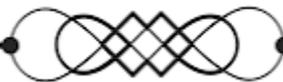
10 STEVENSON, David, A escalada, in: **1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial**, Barueri: Novo Século, 2016, v. 2, p. 32-38.



Mapa do Mar de Mármara (Fonte: Daily Telegraph e arquivos do autor)



Oficiais turcos em Galipoli (Fonte: arquivos do autor)



Você sabia?

- 1) O mais antigo hominídeo já encontrado foi o *Homo habilis*.
- 2) O primeiro *Homo sapiens* é o homem de *Cro-magnon*.
- 3) Os primeiros humanóides foram encontrados em Tanganica, África, e tinham capacidade craniana entre 530 e 680 cm³. O homem de Neanderthal já possuía 1400 cm³ de crânio.
- 4) A escrita começou há pouco mais de 4.000 anos.
- 5) A maioria dos historiadores concorda que a escrita surgiu no vale do Rio Nilo.
- 6) A civilização mais antiga foi a Suméria, entre 5000 e 4000 anos a.C.
- 7) Os sumérios ocuparam a região do chamado Crescente Fértil, nas bacias dos rios Tigre e Eufrates (Mesopotâmia).
- 8) O Crescente Fértil era assim chamado porque os vales do Tigre, do Eufrates e de outros rios das mesmas bacias, formam uma região que lembra uma meia-lua crescente (onde fica o Iraque hoje). A parte côncava fica voltada para sudoeste e a parte convexa fica para nordeste.
- 9) A cidade mais antiga foi Jericó, na Palestina. Antes, os historiadores concordavam que era Ur, cidade suméria. Depois delas, a terceira: Damasco. Outras cidades antigas eram Lagash, Kish e Uruk, todas na Mesopotâmia.
- 10) Depois dos sumérios vieram os Acádios, os Gutis, os Amorritas, os Hititas, os Assírios, etc.
- 11) Hamurabi, que confeccionou um Código que leva o seu nome, foi o sexto rei amorrita.
- 12) O rei assírio Assurnasirpal introduziu o carro de combate providos de rodas com raios.
- 13) Os assírios foram grandes conquistadores: Assarardão conquistou o Egito e Nabucodonosor conquistou Jerusalém.
- 14) Por volta do ano 1000 a.C. os povos indo-europeus que deram origem aos persas ocuparam o território iraniano atual e dividiram-se em medos e persas. Os persas venceram os medos e conquistaram sua hegemonia.
- 15) Ciro conquistou a Babilônia e Cambises conquistou o Egito por volta de 500 a.C.
- 16) Os persas introduziram o carro de combate puxado por quatro cavalos. Era uma plataforma de combate chamada de AKVA (do idioma indo-europeu sânscrito), daí Cavalaria.
- 17) Já no período cristão, os gregos atenienses e espartanos lutaram entre si na Guerra do Peloponeso. Foi uma guerra entre um povo de força terrestre (Esparta) contra outro de vocação marítima (Atenas). A História dá conta de que sempre vence aquele que tem hegemonia no mar. O espartano Lisandro mudou essa lógica, superou os atenienses no mar, ocupou Atenas e venceu a guerra.



Senhores integrantes da AHIMTB/RS, a seis dias do final de julho tivemos somente 22 contribuintes (somos 65), o que nos proporciona 2.300 reais. Destaque para o Dr. Müller, que contribuiu com o dobro (200 reais), para o Cel Lupchinski, Adido do EB junto à Embaixada do Brasil em Madri que, mesmo fora da área, fez questão de contribuir, e o Dr. Lemieszek, Delegado em Bagé que, mesmo com as despesas de sua Delegacia, também se prontificou a contribuir. Não posso cobrar mais. As contribuições serão espontâneas e entregues diretamente, e seja o que Deus quiser. Abraços a todos.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

"<http://historiapatriota.blogspot.com/>".